

## POR UMA POLÍTICA DOS VIVENTES NA POESIA DE ALBERTO PUCHEU

**Taise Teles Santana de Macedo**

(UFBA - Doutorado)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p><b>Taise Teles Santana de Macedo</b> é Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Possui Especialização em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), graduação em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa- pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutoranda no Programa de Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLITCULT/UFBA). E-mail: taiseteles@yahoo.com.br</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Publicada em 2020, <i>vidas rasteiras</i>, obra do artista e poeta Alberto Pucheu, aponta uma série de vidas, aparentemente frágeis, que buscam "saídas da morte": mulheres sem-teto, mendigas, indígenas, imigrantes, trabalhadores precários. Apesar de todas as intempéries a que estão submetidos, tais corpos conseguem se livrar, se vingando, de inúmeras imposições deste "mundo cão". Nesse sentido, este trabalho discute como o poema, enquanto máquina de guerra, fabula uma resposta às violências do nosso tempo; se o momento é de "fezes", sobretudo quando o outro é visto como estranho, um inimigo, a quem devemos exterminar, nos versos pucheuteanos expor-se ao outro mobiliza a construção de um espaço de alianças, de partilhas e de ressignificação da própria noção de comunidade. Para isso, nos apropriaremos do conceito de "qualquer" e de "comum", respectivamente dos pensadores Giorgio Agamben (1993) e Maurice Blanchot (2013), e do conceito de "comunidade", de Jean Luc-Nancy (2016). Nesse sentido, compreenderemos como as vidas miúdas e rasteiras dos textos pucheuteanos fundam, a cada movimento e expansão, modos e possibilidades do ser-em-comum.</p>	<p>Published in 2020, <i>vidas rasteiras</i>, the work of the artist and poet Alberto Pucheu, points out a series of apparently fragile lives that seek "exits from death": homeless women, beggars, indigenous people, immigrants, precarious workers. Despite all the inclement weather to which they are subjected, such bodies manage to get rid of, taking revenge, for numerous impositions of this "dog world". In this sense, this work discusses how the poem, as a war machine, fabulates an answer a response to the violence of our time; if the moment is one of "feces", especially when the other is seen as a stranger, an enemy, whom we must exterminate, in the pucheutean verses exposing oneself to the other mobilizes the construction of a space of alliances, of sharing and of ressignification of the very notion of community. For this, we will appropriate the concept of "any" and "common", respectively, of the thinkers Giorgio Agamben (1993) and Maurice Blanchot (2013) and of "community" by Jean Luc-Nancy (2016). In this sense, we will understand how the small and creeping lives of the pucheutean texts found, with each movement and expansion, modes and possibilities of being-in-common.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Poema; Nosso tempo; Comunidade; Comum.	Poem; Our time; Community; Common.

## INTRODUÇÃO

A poesia contemporânea, em resposta a um mundo sombrio e cada vez mais violento, invoca uma escrita democrática sobretudo quando reconhece uma série de subjetividades e de atores que atravessam o tecido da literatura. Importando-se com todos os modos de vidas possíveis, fabulados, imaginados ou esquecidos pelo capital, a literatura reconfigura o sensível, modulando diversas estratégias de experimentação com o mundo, com a política, com a realidade. Um exemplo disso é a escrita do poeta e pensador Alberto Pucheu que, em seus variados modos de expressividade artística, concebe o poema como um local de partilhas e de alianças. Assim, este trabalho tem por objetivo examinar como a poesia pucheuteana, ao expor os viventes uns aos outros, oportuniza a constituição de um lugar de trincheira e de toca em que a concepção de comunidade rejeita a fusão entre os seres ou a imposição de padrões e normatizações.

Aqui uma questão emerge: de que maneira o poeta tece uma noção de comunidade em que os viventes, apesar de manterem suas particularidades, possam conviver em comum? Como a ideia de “ser-em-comum” invade os versos pucheuteanos? O problema dessa pesquisa engloba não apenas aspectos literários na tessitura dos versos e dos dramas apresentados, como também o potencial político de tais escritos vez que o poema pucheuteano é um campo minado para discussão de assuntos sociais, culturais e éticos do nosso tempo.

Um dos métodos de pesquisa utilizados nessa investigação é a análise do texto ficcional a partir dos conceitos crítico-teóricos de “qualquer” e de “comum”, respectivamente dos pensadores Giorgio Agamben (1993) e Maurice Blanchot (2013), e do conceito de “comunidade”, de Jean Luc-Nancy (2016). Assim, por se tratar de uma pesquisa de doutoramento em andamento, concluímos, parcialmente, que a poesia pucheuteana tenta responder ao cenário tenebroso dos tempos atuais, reafirmando o seu compromisso político-ético, mostrando como é possível estar ou viver em comum sem sufocar a vida. Além disso, verificamos que o poeta usa a sua força interventiva, ou melhor, a potencialidade do seu corpo enquanto poeta, crítico e pensador, no intuito de, reiteradamente, repensar e propor variados processos e modos de vidas que possam reagir/revidar, intensivamente, à “máquina-mundo cão”.

Vivenciamos momentos sombrios e acompanhamos diversas cenas de barbárie desde o ano de 2018 até o de 2022. Um contexto repleto de atos violentos contra a vida de qualquer um: não havia um único vivente que estivesse isento de ser atacado pelo horror da pandemia do coronavírus. E pior: pelo horror de um governo que atacava as mínimas formas de existências, fossem mulheres, negros, crianças, idosos, população em situação

de rua, indígenas, grupo LGBTQIA+, e que trabalhava a favor da morte dos acometidos pela Covid-19.

Diante desse quadro nefasto, a Anistia Internacional Brasil divulgou, em 2022, o relatório *1000 dias sem direitos: as violações do governo Bolsonaro*, denunciando mais de 30 infrações aos direitos humanos e uma série de retrocessos cometidos pela administração do ex-presidente, levantamento que vai desde a péssima gestão durante a pandemia, passando pelos ataques sofridos pela imprensa, pelos discursos antidireitos humanos realizados na ONU e antidireitos de povos indígenas e de outras comunidades tradicionais, até as violações de direitos humanos na Amazônia, a política de segurança pública, com o aumento do acesso a armamentos, e as ameaças ao Estado de Direito.

Ainda com respeito a esse documento, sua organização foi feita por blocos de assuntos, dentre os quais foram relacionados: gestão da pandemia; liberdade de expressão/ diminuição do espaço cívico; discurso antidireitos humanos; direitos de povos indígenas e de outras comunidades tradicionais/ violações na Amazônia; política de segurança pública (aumento do acesso a armamentos); e ameaças ao Estado de Direito, cada um dos quais elencando suas respectivas infrações e seus desdobramentos. Assim, no tópico “Discursos antidireitos humanos”, são listadas diversas falas do ex-mandatário, proferidas no Fórum Econômico Mundial, em Davos, e na Assembleia Geral das Nações Unidas (2019, 2020 e 2021), que traziam tanto ataques direcionados aos povos indígenas, responsabilizando as populações tradicionais pelas queimadas dos biomas do país, quanto a negação de devastação da Amazônia e de outras regiões florestais do Brasil. Somando-se a isso, nessas ocasiões, o ex-presidente também apresentou dados irreais sobre a pandemia do coronavírus no Brasil e sobre a preservação do meio ambiente.

Tendo em vista todo esse cenário tenebroso, a poesia não se calou. Em sua dimensão mais interventiva, buscou, em sua impotência potente<sup>1</sup>, desafiar os poderes. Como um qualquer, como uma singularidade qualquer, produziu gestos de resistência na tentativa de, ao menos, dar uma resposta, ainda que provisória e deformada, ao nosso tempo. Nesse sentido, este artigo se justifica por estimular o debate sobre a experiência do ser-em-comum e do estar-em-comunidade diante de uma contemporaneidade que, a todo custo, tenta, por meio de dispositivos de poder, desestabilizar processos mais diversificados e coletivos que vão de encontro com a ideia do sujeito cartesiano, autônomo e independente. Operando uma abertura, a poesia expõe o seu rosto ao sair de si, ao buscar ser afetada e afetar qualquer corpo que seja.

---

<sup>1</sup> O temo impotência potente diz respeito ao fato de a poesia não possuir fins utilitários, afirmando, desse modo, a posição de que ela não serve para nada, de que não apresenta função ou objeto específicos. Assim, ao tomá-la como uma impotência potente ressaltamos a sua potencialidade ilimitada em não se subordinar ou se encarcerar a nenhum discurso.



## 1 POR UMA POÉTICA DO COMUM

Poeta e professor de Teoria Literária na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o artista-pensador Alberto Pucheu publicou seu primeiro livro de poemas, *Na cidade aberta*, em 1993. Sempre buscando uma poesia que se esbarra com o dia a dia da cidade frenética e com o cotidiano inusitado, inesperado e mágico, publicou, desde então, as seguintes obras<sup>2</sup>: *Escritos da frequência* (1995); *A fronteira desguarnecida* (1997); *Ecometria do silêncio* (1999); *A vida é assim* (2001); *Escritos da indiscernibilidade* (2003); *A fronteira desguarnecida: (poesia reunida 1993-2007)*; *mais cotidiano que o cotidiano* (2013); *Para que poetas em tempos de terrorismos?* (2017); *vidas rasteiras* (2020); e *É chegado o tempo de voltar à superfície* (2022).

Na abertura de *Na cidade aberta*, livro compilado em *A fronteira desguarnecida: (poesia reunida 1993-2007)*, há um poema que representa o tipo de poesia de que trata Pucheu:

assim, na bucha,  
eu não falo não,  
mas deixa eu me esquecer  
que, de repente, eu falo  
(poema colhido na boca de um  
transeunte na Marina da Glória) (Pucheu, 2007, p. 14).

Esse micro poema revela como a poesia circula pela cidade na boca de um qualquer. Em verdade, não se consubstancializa numa linguagem “especial” diametralmente oposta ao linguajar comum utilizado, habitualmente, como propunham os formalistas russos<sup>3</sup>. Na poética pucheuteana, o imprevisível do cotidiano já é a própria poesia e é dele que o poeta vai se armar e se apropriar para constituir seus versos. Ainda mais: o poeta não faz distinção de quem porta ou não o poder falar; são transeuntes,

<sup>2</sup> A listagem das obras do poeta Alberto Pucheu foi feita no intuito de que os leitores possam conhecer tais títulos. Nas referências desse artigo, optei por colocar apenas *A fronteira desguarnecida: (poesia reunida 1993-2007)*, pois ela faz uma compilação das obras anteriores, a saber: *Na cidade aberta* (1993); *Escritos da frequência* (1995); *A fronteira desguarnecida* (1997); *Ecometria do silêncio* (1999); *A vida é assim* (2001); *Escritos da indiscernibilidade* (2003). Obras citadas, nesse trabalho, posteriores a 2007 constam na bibliografia final.

<sup>3</sup> O grupo dos formalistas russos, a exemplo do linguista Roman Jakobson, defendia que a literatura apresentava uma espécie de linguagem especial, o que a afastava, assim, da fala cotidiana. Nesse sentido, a literatura se constituía numa “organização particular da linguagem”. (EAGLETON, 1997, p. 3). Segundo o crítico literário Terry Eagleton (1997), os formalistas russos se preocupavam em conceber o texto literário como dotado de palavras, não de objetos ou sentimentos; a obra literária não expressava, pois, o pensamento de seu produtor. De acordo com essa ótica, a essência do literário se resguardava em “tornar a linguagem estranha”, sendo essa característica intrínseca à literatura. Como sabemos, com toda a espontaneidade que há no cotidiano prosaico, podemos encontrar uma infinidade de textos estranhos, criativos, engenhosos e inusitados.

quaisquer que sejam, que estão por aí e acolá.

Concorrendo com isso, do excerto inicial de “ainda há algo por fora disso tudo”, citado nas primeiras linhas deste artigo, me chamam a atenção o “somos” e o “podemos vir a ser”. Relembrando a definição de Giorgio Agamben (1993) para o termo “qualquer”, há uma indiferença quanto às propriedades ou particulares que o ser carrega; “qualquer” faz referência ao ser tal qual é, não importando os seus predicados. Ao dizer “pelo que somos/ pelo que podemos vir a ser”, o poeta indicia que ao homem não cabe um débito com sua própria existência, mas o que lhe compete é a possibilidade ou a potência do existir.

“ainda há algo por fora disso tudo” trata, justamente, da possibilidade de um vendedor de colchões da ortobom ser um qualquer, sem determinação de um modelo ou de um conceito. Antes de tudo, ele deseja se abrir para outrem, colocar-se em exposição ao outro. O homem da ortobom busca, em verdade, se aninhar ao que vem, seja ele quem for, com todos os atributos que vierem:

tive filhos depois me separei  
me casei de novo  
espero que não estranhem  
me casei de novo pela segunda vez  
com ele que era enfermeiro  
em petrópolis que havia perdido  
sua esposa de tuberculose  
que veio morar comigo na baixada  
com todos os nossos filhos juntos  
como os filhos dele são pequenos  
mais novos do que os meus dissemos  
para eles que somos amigos  
que resolvemos morar juntos [...] (Pucheu, 2020, p. 25).

O sujeito poético deixa claro a sua inclinação a; ele não está em dívida com a vida. Por existir enquanto potência, o homem da ortobom está aberto ao que vem seja quem for, com quantos filhos tiver. Esse espaço deslizante a ser construído pelos amantes é da instância do “estar juntos”, sendo esse o lugar do assimétrico, do dissonante, do movente. O “morar juntos” com todos os “os nossos filhos juntos” capta uma atmosfera daquilo que não deseja mais se enquadrar num modelo; os ritmos, aqui, são outros.

Agamben (1993, p. 12), em *A comunidade que vem*, nos alerta que “o amor nunca escolhe uma propriedade do amado”. Dessa maneira, o indivíduo deseja o ser amado enquanto tal sem qualquer preocupação com seus atributos, pois a singularidade que supomos encontrar não é a essência do outro, mas sim a sua dispersão. Ou seja: não existe algo em particular a ser buscado no outro ou uma ideia de identificação de que as almas gêmeas se fundirão num só rosto; o que há são modos de existências gerados pela própria

maneira de ser.

O homem da ortobom, um anônimo, que explode na poética do artista e poeta Pucheu, é uma dessas e diversas possibilidades de poder dizer; é um vivente como outro qualquer que, em seu particular modo de existir, ousa ir de encontro a toda vigilância, regramentos e lógica produtiva mediados pelo capital. Ainda que não revele aos filhos sobre seu parceiro e o real sentido dessa união, os amantes moram “juntos”. O “estar juntos” mais do que um dado linguístico é uma decisão de ambos; o homem da ortobom e seu companheiro criam um território existencial apesar de todos os olhares punitivistas. Em outro trecho, isso fica mais nítido:

quando nos casamos  
 todos os amigos me abandonaram  
 eu era pastor de igreja  
 vocês podem imaginar o que é isso  
 significa eu era pastor na igreja  
 ninguém aceitou meu casamento  
 com ele escolheram ficar do lado  
 de minha ex-mulher, mas ela  
 e eu continuamos amigos [...] (Pucheu, 2020, p. 25).

Escapando dos parâmetros sociais que ditam regras herméticas de convivência, o homem da ortobom e sua ex-mulher continuam amigos. Apesar da separação, mantêm uma relação amistosa, o que fortalece o próprio laço afetivo entre ele e seu companheiro. O vendedor de colchão sai da sua condição inicial – casado com mulher e pastor de igreja – para percorrer outros possíveis, visto que não se enxerga com uma essência imutável; ao escolher outro modo de experimentar o mundo, ele faz uso de si, gestando um outro modo que para ele soe melhor.

Se hoje há um sequestro do “comum” – daquilo que assegurava certo laço ou consistência social – tal como sindicatos, associações comunitárias, ideológicas, nacionais, dentre outros, é porque, como assegura Peter Pál Pelbart (2008), a própria ideia difundida de uma forma de vida em comum é inventada; a vida que supostamente parecia ser em comum, em verdade, não é. Há uma expropriação desse comum, o que se reverbera com a massificação e a espetacularização de imagens prontas sobre o que é patrimônio de todos: a linguagem, os modos de associação, a inventividade, a imaginação. Para esse pensador, o que os Estados fazem é vampirizar e privatizar o que nos é comum, esvaziando-o. Por ser “a menina dos olhos de ouro” do capitalismo, o “comum” passa a ser cada vez mais cooptado pelo capital. Para o autor:

É a potência de vida da multidão, no seu misto de inteligência coletiva, de afetação recíproca, de produção de laço, de capacidade de invenção de novos desejos e novas crenças, de novas associações e de novas formas de cooperação,

como diz Maurizio Lazzarato na esteira de Tarde, que é cada vez mais a fonte primordial do capitalismo. Por isso mesmo esse comum é visado pelas capturas e sequestros capitalísticos, mas é este comum igualmente que os extrapola, fugindo-lhe por todos os lados e todos os poros (Pelbart, 2008, p. 36).

Jean Luc- Nancy escreve, em 1983, um artigo intitulado “Comunidade, número”. Em resposta a esse texto, Maurice Blanchot (2013) escreve *A comunidade inconfessável*, pontuando como a ideia de fusão no seio da comunidade leva a sua morte ou ao pensamento de uma comunidade im(possível). Para Blanchot (2013, p. 17), o que está em jogo quando se pensa em comunidade é uma não assimilação entre seus membros, uma não identificação ao outro como gregário dos mesmos pensamentos e particularidades. Assim, de acordo com ele, essa é uma noção que dessacraliza todo ideário de uma fusionalidade entre as partes no ímpeto de formar um todo unívoco, vez que “o ser busca, não ser reconhecido, mas ser contestado”.

Pautando-se por uma questão que o inquieta: “por que comunidade?”, Blanchot (2013) inscreve o princípio de incompletude não como uma necessidade de o ser buscar o outro para ser completo ou de completar a sua insuficiência, mas, segundo ele, antes de mais nada, o ser vai em direção ao outro a fim de que, juntos, possam descobrir que não podem caminhar separados. Assim, surge o apelo à comunidade que, para esse pensador, faz com que os seres compreendam seu grau de finitude.

Se a comunidade não pode se decompor numa unidade, comunhão ou fusionalidade, o que ocasionaria a sua morte, é porque, segundo Blanchot (2013, p. 23), “a comunidade assume a impossibilidade da sua própria imanência, a impossibilidade de um ser comunitário como sujeito”. Ou seja: na comunidade não cabe a ideia de soberania, de um sujeito supremo dotado de si; o que lhe compete é uma possibilidade de um “ser-junto”.

Buscar se comunicar com outrem ou agremiar-se com o impossível de cada um é uma das tônicas das obras pucheuteanas. Em *vidas rasteiras* (2020), o volume de viventes que abundam os versos transborda a necessidade de exposição a um qualquer que chega. Trata-se de vidas, com suas mais variadas formas de existências, que respondem, de certo modo, a uma lógica embrutecedora do mundo que quer formatar um modo de vida homogêneo e imanente do ser. Seguindo nessa esteira, os corpos pucheuteanos, como o homem da ortobom, reagem e dão uma negativa a toda restituição de uma ideia de “pureza da comunidade”, pondo em evidência a pluralidade de experiências do estar-em-comum.

Um exemplo disso é o poema “vidas rasteiras”, em que os errantes, exilados e seres moventes, se deslocam de um canto ao outro – seja por vontade própria ou por imposições do capital e dos Estados neoliberais –, percorrendo espaços em busca de refúgio e de melhores condições de subsistência:



tensionando a vida em cabos de aço  
estendidos  
do extremo norte  
ao sul das américas  
pontuando os vazios  
e as imensidões  
que atravessam  
e os atravessam  
buscando saídas  
da morte  
em barcos inflados  
sobrecarregados  
de pedras  
pelo mediterrâneo  
em campos  
de refugiados  
onde apesar de tudo  
ainda tentam  
sobreviver  
por todos os lados  
são os estados  
os exércitos as polícias  
as bombas as balas  
as fronteiras as moedas  
as línguas as cercas  
eletrificadas os muros  
as discriminações [...] (Pucheu, 2020, p. 9).

Por esse fragmento, exilados e refugiados tentam se abrigar num “reino do fora”, para fazer uma paráfrase de Michael Hardt e Antonio Negri (2016) em *Bem-estar comum*. Fadados a viver neste contexto de guerras, de massacres e de contingências, porque a globalização produz um comum onde “todos compartilhamos um mundo que não tem um “fora”, tais corpos se esmeram em sobreviver diante de todos os poderes de dominação, tentando, ao menos, em algum lugar, construir uma alternativa. Em outro trecho, Pucheu segue abordando esses seres:

qual será o som  
dessas vidas  
afundadas  
precárias  
grunhido  
entre o excesso  
e a falta  
na beira  
de bares  
essas vidas  
indígenas



desterradas  
desaldeadas  
tornadas pobres  
mendigas  
mulheres  
desempregadas  
sem conseguirem  
pagar  
seus aluguéis  
suas roupas  
suas comidas  
pobres até  
virarem  
mendigas  
moradoras de rua  
que ruídos  
emitem  
essas vidas  
doentes  
perambulando  
pelas cidades  
buscando  
em algum lugar  
uma ancoragem  
qualquer impossível [...]. (Pucheu, 2020, p. 10-11).

Ao “buscar saídas da morte”, tais viventes esbarram na dificuldade de produzir maneiras de sobrevivência em meio a tanta pobreza e precariedade. Talvez a impossibilidade de “uma ancoragem qualquer” ocorra porque, como alerta Nancy (2016) em “A comunidade inoperada”, a figura de uma “comunidade” sempre está por se fazer, dado o seu grau de fragmentação, de suspense, de improvisação. Se a comunidade é gestada em encontros inusitados e descontínuos de entes singulares que não buscam simetria ou identificação, mas o oposto, é porque há um inacabamento constitutivo em sua envoltura. De acordo com o autor:

A sociedade não é feita sobre a ruína de uma comunidade. Ela é feita no desaparecimento ou na conservação daquilo que – tribos ou impérios não tiveram talvez mais relação com o que chamamos de “comunidade” do que com o que chamamos de “sociedade”. Longe de ser o que a sociedade rompeu ou perdeu, a comunidade é o que nos chega – é questão, espera, evento, imperativo – a partir da sociedade (Nancy, 2016, p.39).

A problematização de uma noção de comum e de comunidade em “vidas rasteiras” diz respeito à condição de precariedade partilhada por tais viventes. Isso não quer dizer que todos se tornem iguais; pelo contrário, esse contato com o outro permite que se descubram pontos em comum a fim de que possam agir conjuntamente e,

consequentemente, suas vidas se energizam ainda mais. Acreditamos, portanto, que a comunidade, como sugere Nancy (2016), realmente é o que ainda está por vir, sem, no entanto, suplantam a sociedade. É por meio da sociedade que a comunidade virá. Tal noção de vida comum pode ser refletida a partir deste outro poema do autor:

[...] num bar  
de uma grande cidade  
arruinada  
onde  
pode emergir  
bem ali  
ao seu lado  
à sua frente  
aqui  
adentrando você  
a voz de outro  
alguém a voz  
de outra mulher  
a voz  
de dona leila  
uma voz igualmente  
inesperada  
sofrida  
pobre  
que sem  
conseguir pagar  
seu aluguel  
por 7 meses  
encontrou  
o movimento  
dos sem teto [...] (Pucheu, 2020, p. 18-19).

A voz “sofrida e pobre” de dona Leila encontra no movimento dos sem-teto um aconchego, um lar. Ao produzir um estar-em-comum, visto que, como sugerem Hardt e Negri (2016), o comum é mais produzido do que descoberto, dona Leila construirá, junto aos seus, um espaço de afetividade em que importa estar entre a multidão.

Emprestados de Hardt e de Negri (2005), o conceito de multidão, esboçado no livro *Multidão: guerra e democracia na era do Império*, diz respeito a uma alternativa, que se coloca diante de uma crescente tendência de manutenção da ordem global, propensão que se dá por meio de uma rede de Império<sup>4</sup>, a qual preserva, num mecanismo de rígido

---

<sup>4</sup> Em *Império*, Hardt e Negri (2001) enfatizam o conceito de Império ou sua rede – a soberania, ainda que em declínio, dos Estados-nação, dos conglomerados econômicos, dos organismos nacionais e supranacionais – como a nova forma global de economia cujo cerne é, contrariamente ao imperialismo e à centralização territorial, o exercício do poder sem limites em meio à descentralização e à desterritorialização, “incorporando o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão” (Hardt; Negri, 2001, p. 13).

controle, hierarquias, divisões sociais, econômicas e culturais. Dessa maneira, seria por meio da ação política da multidão – por ser um operador conceitual aberto, mais amplo e abrangente, que não busca apagar as diferenças existentes em seu interior – que se teceria uma possibilidade de democracia hoje.

Em Pucheu, os viventes fazem o possível para se comunicar e agir em conjunto, ainda que cada um possua suas singularidades. Apesar de receber um nome – “leila” –, essa sobrevivente pode ser qualquer um, o que não tira o peso de estar na multidão junto ao “movimento dos sem teto”. A afetividade em atribuí-lhe um nome em nada apaga ser “mais uma em meio à multidão”, pois é um corpo aberto a novas associações. A respeito dessa personagem, o poema ainda diz:

[...] que ela  
tem muito orgulho  
da ocupação  
quer ocupar mais  
prédios ilegais  
que não pagam  
impostos  
para beneficiar  
outras pessoas  
como ela  
foi beneficiada  
pelo movimento  
ao ter um lugar  
para morar  
para não morar  
na rua  
por não conseguir  
para aluguel  
por estar  
desempregada  
por ser pobre  
ela quer ajudar  
outras pessoas  
pobres a terem  
onde morar  
porque se a pobreza  
é indigna  
mais indigno ainda  
é a pobreza  
de quem não tem  
onde morar (Pucheu, 2020, p. 22-23).

A possibilidade de ocupar novos imóveis vazios a fim de beneficiar outras pessoas permite que dona Leila produza uma outra forma de retribuir e de partilhar o comum que lhe foi retirado – o da moradia. Igualmente, quando narra a vida de outro vivente

desenraizado, dona Laura, o poeta nos apresenta um corpo inacabado que, diante de uma vida tornada pobre, encontra afago no centro de São Paulo em meio à multidão de pobres que se entroncam nesse entorno. O comum produzido por essa “filha de potira” tem muito mais a ver com afetos do que com artefatos materiais:

[...] mas que quando  
se está em um  
bar qualquer  
num sábado  
à noite  
do centro  
de uma grande  
cidade  
arruinada  
podem emergir  
bem ali  
ao seu lado  
à sua frente  
dentro de você  
adentrando você  
por ser a voz  
de uma filha  
de potira  
[...]  
afinal ela é dona Laura  
filha de potira  
ela saiu  
de sua aldeia  
na Amazônia  
na fronteira  
da Venezuela  
aos 27 anos  
porque Chico Mendes  
foi assassinado  
e o cacique  
da tribo  
e os caciques  
das tribos aliadas  
de Chico Mendes  
que tanto ajudou  
indígenas  
resolveram vingar  
sua morte  
declarando guerra  
de indígenas aos homens  
brancos  
[...]  
mas ela é filha de potira  
ela sobreviveu



se mandou  
para o rio grande  
do norte  
para o rio de janeiro  
onde ficava  
pela central  
do brasil  
onde jogaram  
gasolina nela  
enquanto dormia  
para tocarem  
fogo nela para  
matarem ela  
indígena pobre mulher  
mendiga pela central  
do brasil  
onde tentaram  
estuprá-la  
mas ela é filha  
de potira  
se safou  
sobreviveu  
se mandou  
para são Paulo  
em cujas ruas  
do centro vive  
até hoje  
amando os gays  
amando as travestis [...] (Pucheu, 2020, p. 14-17).

Nesse fragmento, observamos os vários exílios de dona Laura até encontrar um espaço para se instalar. O mais interessante é que essa mulher não volta para a sua comunidade, mas decide – ainda que impelida a fugir – viver perambulando pelas ruas de São Paulo. Lá ela se encontra com outros estranhos quaisquer – gays e travestis – entes que exibem condições de existências semelhantes. A moradora das ruas de São Paulo não busca um reconhecimento de si no outro, mas uma compartilha de singularidades, coadunando a afirmação de Nancy (2016, p. 66): “Nós somos semelhantes porque somos, cada um, expostos ao fora que nós somos para nós mesmos”.

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narratividade de “vidas rasteiras” já nos mostra o fluxo intenso de tais seres que tendem a se misturar ou atritar com todos os outros corpos. Lembremos que esses versos se constroem sem distinções algumas ou hierarquias, uma vez que todas as letras estão em minúsculo e não há origem ou ponto final nas histórias, o que configura vidas

inconclusas e abertas a quaisquer encontros. E é justamente essa uma das demandas da comunidade, segundo Nancy (2016, p.117): “ela sempre vem, sem cessar, ao seio de toda a coletividade”.

Não há, também, nos escritos pucheuteanos, a ideia de pobreza ligada à clássica noção de privação de bens de consumo ou de posses. Em Pucheu, em outro sentido, os viventes demonstram uma inclinação a resistir às intempéries provocadas pelos poderes que a todo instante tentam aniquilá-los. O poeta reconhece nesses corpos uma resistência que tenta produzir um outro comum ou uma outra maneira de ser em comum, mesmo que isso se dê dentro de uma sociedade que os extirpe e os expatrie de celebrar a riqueza social, herança da humanidade, comum a todos.

Interessou-nos, aqui, portanto, destacar a potência de uma poesia que se desloca para o outro, para o abismo do outro, através da construção de formas mínimas de existência que se instauram por meio da criatividade, das alianças e da solidariedade. O pensar a comunidade ainda por vir, nos textos pucheuteanos, abre espaços para refletirmos sobre a não soberania do sujeito, razão pela qual o título deste artigo se refere à “política dos viventes”. Falamos, sobretudo, de uma poética em que seres singulares não buscam uma identificação ou reconhecimento com um objeto, mas uma comunicação e uma partilha, uns com os outros ou juntos (nunca “uns sobre os outros ou no interior de outrem”).

## REFERÊNCIAS

- ANISTIA INTERNACIONAL. **1000 Dias sem direitos**: as violações do governo Bolsonaro. [S. l.]: Anistia Internacional Brasil, 27 set. 2021. Disponível em: <https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2021/09/1000-dias-sem-direitos-As-viola%C3%A7%C3%B5es-do-governo-Bolsonaro.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- AGAMBEN, Giorgio. Qualquer. *In: A comunidade que vem*. Tradução: Antônio Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993. p. 11-12.
- BLANCHOT, Maurice. **A comunidade inconfessável**. Tradução: Eclair Antônio Almeida Filho. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Lumme Editor, 2013.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. República (e a multidão dos pobres). *In: Bem-estar comum*. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2016. p. 17-82.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Prefácio: a constituição política do presente. *In: Império*. Tradução: Berilo Vargas. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 11-84.



HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do Império**. São Paulo: Record, 2005.

NANCY, Jean-Luc. A comunidade inoperada. *In*: NANCY, Jean-Luc. **A comunidade inoperada**. Tradução: Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: 7letras, 2016. p.25-78.

PELBART, Peter Pál. Elementos para uma cartografia da grupalidade. *In*: SAADI, Fátima; GARCIA, Silvana. (orgs.). **Próximo ato: questões da teatralidade contemporânea**. São Paulo: Itáu Cultural, 2008. p. 33-37.

PUCHEU, Alberto. **A fronteira desguarnecida (poesia reunida 1993-2007)**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

PUCHEU, Alberto. **É chegado o tempo de voltar à superfície**. São Paulo: Editora Bregantini, 2022.

PUCHEU, Alberto. **mais cotidiano que o cotidiano**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

PUCHEU, Alberto. **Para que poetas em tempos de terrorismos?** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2017.

PUCHEU, Alberto. **vidas rasteiras**. São Paulo: Editora Bregantini, 2020.

Título em inglês:

**FOR A POLITICS OF THE LIVING IN THE POETRY OF ALBETO  
PUCHEU**